

O LUGAR CAMPONÊS EM UMA ANÁLISE ÉTICO-ESTÉTICA: Perspectivas por meio da *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior¹
Jéssica Soares de Freitas²

Resumo

Configurada como uma das principais obras literárias brasileiras do século XX, *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, narra o drama da fuga e retorno de um filho do meio de uma família camponesa. Ao analisar a maneira pela qual o protagonista se relaciona com o meio, lugar e família, foi possível interpretar o conceito de camponato por meio da centralidade do sujeito. Entre metáforas, sentimentos e imagens poéticas, o romance apresenta um olhar instigante para a ordem moral da camponidade em seus elementos específicos e gerais. Considera-se, deste modo, que para além de questões econômicas e políticas, existem elementos éticos e estéticos que indicam lógicas do modo de vida camponesa.

Palavras-chave: Lugar Camponês; Ordem Moral; Lar.

Introdução

Publicado originalmente em 1975, *Lavoura Arcaica* (NASSAR, 1989), escrito por Raduan Nassar é considerado como uma das principais produções literárias brasileiras do século XX. A obra propõe, por espécie de atemporalidade e “arregionalismo”, questionar os abusos de poder de uma maneira geral, sem focar no momento histórico (SOUZA, 2012; PINTO, 1995). Por não transcorrer em data ou local específico, a *Lavoura* é um cenário mítico que protagoniza e, simultaneamente, é plano de fundo para as tensões que se desdobram.

O romance narra, em primeira pessoa, a história de André, filho do meio de uma família camponesa com nítidas influências Libanesas, que foge de casa para escapar da submissão aos domínios do patriarca e lidar com a rejeição da irmã após ato incestuoso, mas volta a pedidos de Pedro, irmão mais velho. No momento de sua páscoa, a narrativa do filho pródigo é desconstruída, ocasionando, de fato, no fim da família por meio das mãos do Pai enfurecido com a descoberta da relação sexual entre seus filhos.

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (Goiânia), Bolsista CAPES, carlosroberto2094@gmail.com.

² Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (Goiânia), Bolsista CAPES, jessicasoaresfreitas@gmail.com.

Indaga-se de que maneira a campesinidade se constitui na relação terra-trabalho-família existente no romance *Lavoura Arcaica*? Trata-se de uma investigação que visa a (re)constituição dos seus modos de vida como caminho teórico-metodológico para elencar elementos ético-estéticos de suas espacialidades. Neste sentido, busca-se evidenciar as maneiras de ser e viver nos lugares camponeses, a considerar a geograficidade inerente de sua existência.

Metodologicamente, procedemos por interpretação hermenêutica da obra a partir da geografia humanista e embasamento na fenomenologia existencialista de Merleau-Ponty (2011). Nessa compreensão que visa a compreensão do lugar camponês, não ignoramos os elementos políticos ou econômicos do campesinato, mas, pelo teor e elementos da trama da *Lavoura Arcaica*, consideramos os sujeitos a partir de uma compreensão de sua campesinidade. Pelo entendimento antropológico do camponês na condição de ordem moral (WOORTMANN, 1991; BRANDÃO, 1993), é possível estabelecer leituras que forneçam subsídios para pensar nas tensões internas do grupo familiar abordado pela obra de Nassar.

O gado sempre retorna ao cocho

Traço marcante da obra, a família camponesa é apresentada na *Lavoura Arcaica* como um núcleo patriarcal que se aglomera em torno das lógicas de trabalho na terra. Esse elemento, particularmente telúrico, destaca uma realidade geográfica densa em que o lugar se soma por nexos de campesinidade relevante. É um contexto em que o modo de vida está diretamente atrelado ao meio em que o grupo reside.

Compreendemos que é preciso interpretar a campesinidade como um modo de viver pautado fundamentalmente em sua *geograficidade*. Na condição de humanos, “cada um tem seu lugar. Assim sendo, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós” (OLIVEIRA, 2014, p.11). No que tange a grupos camponeses, se relaciona diretamente à experiência do residir na proximidade com a natureza, de modo que essa proximidade irá definir centros de significação e percepção de outros espaços.

Sua ação sobre a terra, mesmo quando mediada pelas ferramentas de trabalho, resulta em uma produção que supera os meios de vida (lidos como possibilidade de subsistência na teoria marxista, como Brandão (1993) ressalta), de modo a alcançar uma metamorfose do

meio natural em cultural-natural. Gesta uma imagética significativa que evoca um sonhar que se coloca no mundo que emerge de sua geograficidade.

Ainda quando o modo de vida transforma as vivências daquilo que é elencado como natureza, relaciona-se a maneira como nesse processo “não suprimimos os nossos vínculos com o tempo e com o espaço; bem mais do que isso, nós os utilizamos” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.73). Gesta-se, nessa terra que aparenta *apelar* aos homens, uma imaginação de ordem espacial que faz do lugar camponês uma possibilidade coletiva de vivência.

Tuan, em uma perspectiva abrangente, sugere que “peasants establish intimate bonds with the land: that one must labor hard to survive is an accepted truth that is transformed into a proprietary and pious sentiment toward Mother Earth” (TUAN, 1982, p.17). Essa conexão inerente aos meios de sobrevivência invoca um modo de saborear o mundo e fixar seus lugares. É necessário, para a permanência na terra, que o sujeito consiga dialogar com os anseios da natureza.

Como ordenamento ético centrado no grupo familiar, a terra a ser semeada transcende a situação de provedora de meios de vida. Ela é um núcleo de significações em que os sujeitos se projetam rumo à sua geograficidade. A terra, como André discorre, é aquela que apela para ser laborada por suas mãos, estabelecendo relação que indica reciprocidade. Retrata uma cumplicidade natureza-homem que supera a dicotomia da ciência ocidental. Isso compõe, como colocaria Dardel (2011), um horizonte telúrico definidor das espacialidades vividas pelos sujeitos.

Na perspectiva da *Lavoura Arcaica*, é significativa a atenção que Iohána (o Pai), Pedro e André desdobram acerca da situação geográfica de seu modo de vida. Acontece que sua essência é pautada na condição camponesa em que, como Woortmann aponta, “vê-se a terra, não como natureza sobre a qual se projeta o trabalho de um grupo doméstico, mas como patrimônio da família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor” (1990, p.12). Ela é patrimônio ou dádiva divina (WOORTMANN, 1990) e também por essa razão deve ser compreendida como uma transformação (i)material da realidade natural que também faz dela aporte ético, estético e cultural do camponês.

A emanar dessa lógica do divino, é justamente o espírito do trabalho na condição de um ente ético-estético que legitima a permanência na terra e propriedade. É uma perspectiva em que, como reflete o Pai no momento do retorno de André na segunda metade do Romance: “uns poucos dias de trabalho ao lado de teus irmãos hão quebrar o orgulho da tua palavra, te

devolvendo depressa a saúde de que você precisa” (NASSAR, 1989, p.159-160). A resposta-sermão paterna implica na percepção de que o labor é aquilo que possibilita a transcendência do homem, que é tanto saúde quanto dever. O orgulho de que fala o patriarca seria um desdobramento da falta de paciência com a lavra da terra e com os irmãos.

Trabalhar na lida ao lado dos irmãos, como sugere na fala, é dignificar-se junto a família, deixar com que essa geograficidade uníssona perpassse seu corpo e execute as tarefas moralmente impostas. Ao mesmo tempo, a metáfora de *quebrar* indica a força da palavra e da necessidade ética do trabalho que une o grupo familiar. A terra é o que localiza e o sujeito camponês, é o que faz com que exista um *lugar* para o campesinato em seus diversos níveis e tramas de campesinidade.

Se concordamos que “o mundo percebido seria o fundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda existência” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.32), correlacionamos que a relação profícua do trabalho doméstico que recria em constante movimento a própria família estabelece um modo de ser e estar definidor da geograficidade camponesa. Por meio de alicerce Merleau-pontiano, Seamon sugere que “we are literally immersed in our geographical world, and this immersion is the primal core of dwelling” (1979, p.162) e essa imersão é que emancipa o sujeito e o coloca como centro desse modo de vida.

Na condição exposta, qualquer um dos três elementos pode ser posto em uma situação de reversibilidade: a família é terra; o trabalho é família; a terra é trabalho; e assim por diante (*Figura 1*). Essa mutabilidade coloca uma essência camponesa que deve ser lida em seu constante movimento, na maneira pela qual cada povo ou grupo se apresenta. Na forma presente na *Lavoura Arcaica*, é um grupo tradicional em que a indissociabilidade dos componentes é chamada a todo momento, a visar fortalecimento daquilo que compõe sua vida.

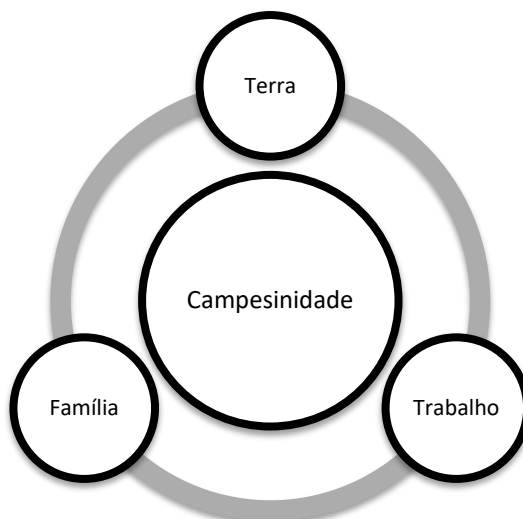


Figura 1: Elementos definidores da campesinidade.

Org.: SOUZA JR, C. R. B. (2017); Baseado em BRANDÃO (1993); CÂNDIDO (2010); TUAN (1982); WOORTMANN (1990) e WOORTMANN & WOORTMANN (1993).

É que, seja em uma dimensão clássica, como no romance, ou contemporânea, qualquer um dos três elementos apresentam significativo evocativo espacial. Isso retrata que é uma geograficidade centralizadora do existir e que organiza a percepção do espaço vivido. Como ressalta Relph, pautado em Dardel, “geographical experience begins in places and reaches out across spaces to landscapes and the regions of existence” (RELPH, 1985, p.27), ou seja, a campesinidade sempre em voga nos discursos do Pai também é um modo de experiência geográfica que se expande rumo ao mundo e dá lugar à família.

Nessa relação estético-moral, quem conduz o fardo de manutenção do grupo é o pai de família. Iohána, no caso da lavoura arcaica, reproduz a sobreposição do coletivo sobre o individual nos limites do lar que rege. No âmbito das porteiras da terra, sua palavra é a primeira e última semente de toda lavoura. Por meio de seus sermões é que recorrem os nexos de paciência e campesinidade fundantes do cerne do romance.

Essa questão também se torna nítida no diálogo-confronto de André com Iohána perante seu retorno, o patriarca prega que: “Todos nós sabemos como se comporta cada um em casa: eu e tua mãe vivemos sempre para vocês, o irmão para o irmão, nunca faltou, a quem necessitasse, o apoio da família!” (NASSAR, 1989, p.165). Alude à associação necessária e constante da casa como fundamento da realidade geográfica familiar e núcleo daquilo que nutre a vida camponesa. Não há algo que **falte porque a casa se basta**.

Irmão, Mãe e Pai coletivizam-se em intersubjetividade protuberante que consubstancia as relações no âmbito de sua experiência e realidade geográfica. Ao circunstancialmente

pensar acerca dessa forma de sociabilidade – centrada na espacialidade – a lógica de insularidade familiar é posta em evidência. São camponeses em relação a um lugar camponês que firma sua presença entre essa temporalidade cíclica. Se, como aponta Woortmann (1990), o patriarca ocupa o topo desse ordenamento, pelo cetro rijo a que impõe sua pretensão de amor e humildade, faz-se valer da fala para impor sua lei.

É justamente esse modo cíclico de pensar e relacionar-se, marcado por uma proximidade parental significativa, que se conforma para adaptar-se às incertezas da natureza. No interior do sítio ou da lavoura, respeitadas suas escalas, são os nexos familiares pautados no trabalho que constituem o saber do fazer camponês. Em verdade, o que é evidente, como essência, é um modo de vida de lavrar em que cultiva-se o próprio **ser como coletivo**. A íntegra do Capítulo 28 do romance delineia esse existir de maneira evocativa: “A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo” (NASSAR, 1989, p.181).

O pão que corporifica a tríade terra-trabalho-família é o centro simbólico desse ser intenso apontado pelos sermões patriarcais. Ele materializa a perspectiva de realidade geográfica a que está submetido o grupo da lavoura. Por meio do ato perceptivo que projeta no pão o modo de vida da existência familiar, evidencia a junção da natureza com a cultura camponesa.

A segurança das raízes que os fixam na casa é a mesma em que deve ser utilizada para erguer as paredes de cada cômodo. O patriarca é a figura de onde emana o ímpeto sutil de união em que os irmãos devem respeitar sem que seja sequer necessário que a palavra seja erguida. O *amor* que aparece encrustado junto ao trabalho e ao tempo parece uma protuberância mórbida de um sentido que é pervertido no sentido de favorecer uma união fabricada. É um *amor* lavrado e paciente, que se afasta do passional.

Tronco e baluarte, a casa dota-o de legitimação para estabelecer a definição de limites e fronteiras. Nos tijolos constitutivos do moral que reproduz, evoca a estética do cíclico da natureza, centro de sua experiência de mundo, para conduzir a orquestra de sentidos que garantem sua posição. A ordem do lar é pautada em um horizonte em que a honra do falo-Pai deve ser preservada e demonstrada, mesmo quando necessário o uso da força.

São os laços de sangue, elementos que significam e resultam em permanência na vida campesina. Isso o faz também como forma de legitimação de um discurso que descama as mãos laboriosas dos irmãos que se dedicam na lavra da terra, de sol a sol. Em verbo turvo e

hemorrágico, a lida é que fixa-os, como gado, nos confins das parteiras. Na união que é consubstanciada pelo trabalhar, o dever é visto como profuso campo em que se deve manter terreno comum.

Porquanto o Pai manifesta nos sermões a rispidez, ele provê o alimento de uma pretensa certeza do lugar ao revés da ciclicidade da natureza. Ainda que se aproveite das metáforas evocativas do sublime que o cerca, recorre ao universo relacional que se expande pela sua presença. Larsen e Johnson escrevem que “place is how the world presents itself; that is to say, being inevitably requires a place, a situation, for its disclosure”³ (2012, p.633). No caso da lavoura é efetivado pela maneira em que a sinergia natureza-cultura recria-se no lugar do núcleo familiar camponês.

Por essa razão pode-se afirmar que “é-se dono, não por se ter comprado a terra, mas por tê-la trabalhado” (WOORTMANN, 1990, p.28), pois é nesse fixar-se em movimento que legitima-se a substancialidade do lugar que emana do tronco. O horizonte do mundo camponês corporificado nos sermões paternos é o da teluridade do lugar em que cultiva o saber da humildade como valor. Conforme extraído da mesa dos sermões:

a sabedoria está precisamente em não se fechar nesse mundo menor: humilde, o homem abandona sua individualidade para fazer parte de uma unidade maior, que é de onde retira sua grandeza; só através da família é que cada um em casa há de aumentar sua existência, é se entregando a ela que cada um em casa há de sossegar os próprios problemas, é preservando sua união que cada um em casa há de fruir as mais sublimes recompensas; nossa lei não é retraindo mas ir ao encontro, não é separar mas reunir, onde estiver um há de estar o irmão também (NASSAR, 1989, p.146).

Para ter grandeza, paradoxalmente, é importante *abandonar sua individualidade*. O sermão patriarcal enfatiza que somente no que junta a família, naquilo que concerne-os como coletivo e que se manifesta na condição de entrega é relevante para o existir. Marandola Jr é salutar ao ressaltar que “somos em relação aos objetos, às pessoas, a nós mesmos, sempre em dado espaço temporalizado” (2014, p.234). Se a natureza é tirana em seus ciclos de incerteza, o lugar também o é.

Por meio do fazer-se camponês, Iohána evoca a paciência da terra como virtude maior nos âmbitos de suas parteiras e currais. Os animais, as plantas e os familiares são regidos

³ “lugar é como o mundo se apresenta; isso significa dizer que ser inevitavelmente requer um lugar, uma situação, para sua difusão” (LARSEN; JOHNSON, 2012, p.633, tradução livre).

pelas mesmas regras. Hierarquicamente, como homem mais velho, que se fez ao casar e constituir família, é responsável pela pragmática do trato com tudo aquilo que está nos limites de seu patrimônio, assegurado pelo trabalho que nele exerce. Na mesa de jantar sua palavra reina soberana, como relata André:

Que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraíndo tanto como os sinos graves marcando as horas: “O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento (NASSAR, 1989, p.51-52).

No silêncio marcante em que cada sino parece ecoar pela casa, até a respiração tem sonoridade rítmica corporificada pelo pêndulo do relógio. Enquanto o pai falava, relata André, havia silêncio absoluto. Cada palavra medida e arquitetada conforme cada palmo da terra visava semear nos irmãos o respeito e obediência necessários para permanência do *status quo*.

Esse *tempo* de que o Pai discorre em seu sermão é soberano, impõe-se em meio às múltiplas incertezas da existência camponesa e é colocado como balizador das relações. Ele é alimento e tesouro, fonte por onde passam os sentimentos de cada um que coloca os pés em seu domínio. O patriarca, herdeiro do destino do pêndulo, inserido também nesse ciclo, se prostra diante de seu poder como forma de dominá-lo como flâmula criativa.

Pautado na imagética bíblica e nos princípios cristãos, como ressalta Mota (2010; 2013), Iohána inflige um padrão de moralidade austero e de abnegação. O vinho que percorre suas veias emana do *Cântico dos Cânticos*, de onde também parte sua preocupação incessante com o tempo, figura representativa de seu poder.

Segundo o fenomenólogo Scharader “moral precepts are bound to alienate the individual from himself and others – the more so the more conscientious he is”⁴ (1973, p.346). O que ocorre com a lógica do patriarca opera de modo significativamente similar. Ao alienar-se nos preceitos morais *dos modos da família*, ele desagrega-se momentaneamente do núcleo ao mesmo tempo em que coloca o fundamento desses preceitos na natureza a que recorre sua realidade geográfica.

Ainda que exerça e se beneficie diretamente com a virtude da paciência em que aponta erguer as paredes que suportam o teto, não consegue evitar de expor sua admiração de forma

⁴ “Preceitos morais estão fadados a alienar o indivíduo de si mesmo e de outros – e mais ainda quanto mais consciente ele é” (SCHRADER, 1973, p.346, tradução livre).

apaixonada. Sua passionalidade também é, em certa medida, uma transgressão que caminha pelas vias da pretensão ou fingimento, talvez não intencionais. Trilha significações em que, ao mesmo tempo que vê os filhos e a esposa como rebanho, não consegue se ver somente na condição de pastor. Para Iohána, ele **está incluso na situação geográfica de gado que sempre (re)torna ao cocho**.

Ele é fruto e semente do lugar em que constitui centro moral pautado na honra. Em consequência, o fio condutor do moral que reúne o núcleo transita pela consideração da paciência na condição de valor. Ela se transmuta em preceito significativo que orienta a vivência dos sujeitos na *Lavoura Arcaica* e mesmo as irreverências se fazem em relação a elas. Ser paciente é cultivar o tempo como fronteira a ser preservada entre a carnalidade que está em contínua decomposição e um universo relacional aberto por uma natureza que parece indiferente à transitoriedade de quem nela trabalha.

Considerações finais

O modo de vida camponês, entendido na escala do sujeito, da sua relação com a terra, elucida uma ordem moral pautada na honra. Seus componentes ético-estéticos propõem a necessidade de se pensar, em verdade, em lugares camponeses. Essa dimensão de espacialidade por onde emanam as condições de existência e situações geográficas dos sujeitos compõem uma teia relacional que coloca em evidência seu imaginário.

Pela teluridade inerente da lida com a terra, existem elementos que recorrem desde o sagrado ao mágico para compor as estratégias de domínio do patrimônio da casa tronco. Nos nexos da *Lavoura Arcaica*, o controle da temporalidade cíclica da natureza, como forma artificial de domínio do mundo, aflora como lógica que exalta a moral manifesta no lar. O lugar é denso por conta deste microcosmo de relações que se sobrepõem de maneiras tensas, em que a repressão é recorrente.

A campesinidade, para além de dimensões políticas e econômicas, detêm um código ético pautado na sabedoria da interpretação do meio. É, como modo de ser-no-mundo, uma situação que envolve cheiros, sabores e sentidos, que merecem destaque na geograficidade primal a que evocam. Ainda que rígida, e por vezes áspera, preza por uma reciprocidade que parece ausente nas situações que se apresentam no cotidiano moderno. Deste modo, seu modo

de *ser* espacial, recorre em nexos que em muito contribuem na reflexão da questão agrária hodierna.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO C. R. O desencanto do outro: Mistério, Magia e Religião nos estudos do mundo rural no Brasil. **Anuário Antropológico**, UNB: Brasília, p.9-30, v.91, n.1, 1993.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LARSEN, S. C.; JOHNSON, J. T. Toward an open sense of place: Phenomenology, affinity, and the question of being. **Annals of the Association of American Geographers**, v.102, n.3, p.632-646, 2012.

MARANDOLA JR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014, p.227-247.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MOTA, B. C. **Raduan Nassar e a Lavoura dos Dizeres**: entre provérbios e cantares. 2010, 154f., Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2010.

MOTA, B. C. Uma partitura da tensão: dialogismo e poesia em Lavoura Arcaica. **Bakhtiniana**, v.8, n.1, p. 157-175, 2013.

NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., E; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014, p.3-16.

PINTO, S. S. **Ao lado esquerdo do Pai: Os lugares do sujeito em Lavoura Arcaica de Raduan Nassar**. 1995, 122f., Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1995.

RELPH, E. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Orgs.) **Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world**. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p.15-32.

SCHRADER, G. Anger and inter-personal communication. In: CARR, D.; CASEY, E. S. (Orgs.) **Explorations in phenomenology**: papers of the society for phenomenology and existential philosophy. Leiden: Martinus Nijhoff, 1973, p.331-350.

SEAMON, D. **A Geography of the lifeworld**: movement, rest and encounter. London: Croom Helm, 1979.

SOUZA, J. R. **Discurso e subjetividade em Lavoura Arcaica**. 2012, 108f., Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2012.

TUAN, Y. **Segmented Worlds and Self: Group life and individual consciousness**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

WOORTMAAN, K.; WOORTMANN, E. Fuga a três vozes. **Anuário Antropológico**, UNB: Brasília, p.89-137, v.91, n.1, 1993.

WOORTMANN, K. “Com Parente não se negueia”: Campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, UNB: Brasília, p.11-73, v. 87, n. 1, 1990.